

Dias, J. LOST MEN MOÇAMBIQUE, in Arte em Movimento, Muv'art, Maputo, February

Escrevi este texto para o Jornal meia-noite em 2007 depois de ter acompanhado todo o processo de negociação para a montagem, e a inesperada remoção deste trabalho.

O trabalho intitulado "*The Lost Men Mozambique*" do artista Sul-Africano Paul Emmanuel foi colocado na ponte do Ferry-boat de Maputo/Catembe.

A medida que as sociedades vão evoluindo, a arte vai se transformando ou se metamorfoseando, levando consigo uma séria de preocupações dos artistas com intenção de integrarem-se e de identificarem-se com as novas e contínuas realidades que se apresentam. Partindo da preocupação da visão do outro – trabalho/público - ou da relação entre a sua intervenção e a visão do outro – artista/público - e a procura constante do ser compreendido num espaço de comunicação onde os códigos deveriam ser comuns sem que o artista deixe de ser único e singular nas diferentes formas de articulações desses códigos. A arte se colocando de forma diferenciada de si mesma. É nesta dicotomia que os artistas vão trabalhando.

Os "novos artistas", acabam por se definir por estratégias, actos e meios, mostrando-se diferentes, de alguma forma descontentes com a normalização e convenções das formas de expressão a arte pública – os monumentos em praças públicas, os murais de carácter político, os grandes formatos para os espaços exteriores e intervenções públicas que hoje se camuflam nos actuais sistemas de domínio ideológico – altamente politizados e direccionados, afastam determinados artistas, que trabalham em determinadas possibilidades temas e abordagens do poder político e ideológico.

O trabalho "*The Lost Men Mozambique*" levou-me a certas reflexões por ter passado por uma censura sem precedentes. A democratização da arte, a fácil circulação dos artistas internacionais, a complexidade nas variantes formas que a arte pública se apresenta hoje, faz com que censura venha por parte das estruturas de poder político e social, de onde os artistas menos esperam e de onde contam com alguma protecção para as suas criações. Há não ser que estes sejam os seus alvos de ataque.

A Polícia da República de Moçambique – que representava a censura e o poder - teve um acto considerado por nós artistas no mínimo repugnante, que provocou um silêncio inexplicável por parte da comunidade artística. Parte do trabalho foi removida logo após a sua montagem e mais tarde e remoção total da mesma. O argumento que as estruturas de poder tiveram desde o início foi: as imagens apresentavam sugestões de órgãos genitais e partes do corpo humano sensuais. Mas, o que não se compreende, é que este trabalho foi anteriormente aprovado pelo Conselho Municipal da cidade de Maputo.

O paradoxo de tudo isto é que na sociedade Moçambicana, particularmente a na cidade de Maputo, os munícipes estão familiarizados a situações onde homens e mulheres a urinam nas artérias da cidade a luz do dia. Expõe algumas vezes os seus órgãos genitais. Na música, na dança e outras formas de expressão há cada vez mais presença de erotismo e sexualidade. Na escultura, na pintura se tornou comum a representação de órgãos genitais.

O Projecto de *The Lost Men* foi lançado ao público e à imprensa no ano 2004 durante o Festival Nacional de Artes em Grahamstown na África do Sul. Foi no entanto, a única exibição na África do Sul. Os nomes gravados eram de pessoas mortas durante o período do Apartheid. Em Maputo surge da experiência pessoal que Paul Emmanuel teve quando tomou conhecimento do luto e das lembranças de guerra de libertação de Moçambique por parte dos moçambicanos.

A travessia de Maputo para Catembe é um ponto de partida e chegada dos residentes das duas partes da cidade e que permite ao espectador algo para contemplar. O trabalho se apresenta ao logo da ponte como várias bandeiras. As gravações dos nomes que aparecem nos corpos são de pessoas anónimas ou conhecidas que perderam a sua vida na luta de libertação. Estes nomes foram conseguidos através de uma pesquisa no terreno.

A preparação, concepção e apresentação do trabalho se encaixaria perfeitamente no que se convencionou de arte pública - trabalho/público nos espaços públicos – onde toda a lógica que envolve este processo de consolidação, está estruturado e direccionado ao público. Ficando o artista um arquitecto de códigos para este fim.

Esta intervenção foi totalmente removida pelas autoridades nacionais e não se sabe as suas razões. Ficaria aqui uma perguntinha. Será necessário censura nesta direcção?